

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

# A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes 2

---

 **Atena**  
Editora

Ano 2019

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras,  
Linguísticas e Artes 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas letras, linguísticas e artes 2 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-280-7

DOI 10.22533/at.ed.807192404

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes.  
3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 407

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Nos cursos de formação preocupados com as conexões discursivas entre as ciências da linguagem, estudar a língua em uso significa compreender como o discurso é construído, sem a omissão investigativa das contextualizações da linguagem. Os cursos de formação simbolizam autênticos espaços de produção do conhecimento, além de problematizar as questões que necessitam ser refletidas e analisadas nas ações dos sujeitos.

Os sujeitos trazem como experiências as inúmeras e múltiplas vivências que são confrontadas nos espaços formais de ensino. Discutir sobre os processos de ensino significa considerar que há também a produção de saberes nos contextos não formais de produção do conhecimento.

Nesse sentido, a presente Coleção traz trinta reflexões e inúmeros autores que aceitaram o desafio de promover um diálogo com os contextos e as propostas de ensino, sobretudo na formação, alfabetização e letramento dos sujeitos, interlocutores desta coletânea. O que a torna necessária são as diferentes concepções e perspectivas nos quais os conhecimentos são apresentados.

No primeiro capítulo, as autoras discutem os contos de fada a partir do gênero propaganda, em que o estudo tem como metodologia de pesquisa a análise bibliográfica pertinente à problematização. No segundo capítulo, as autoras analisam o curta ficcional *Sombras do Tempo*, de Edson Ferreira, 2012, sob a perspectiva foucaultiana, aproximando os debates sobre raça e cinema no Brasil. No terceiro capítulo, o autor dedica-se em dois propósitos: identificar e analisar o diálogo entre a linguagem fílmica discutida no corpo do texto.

O autor do quarto capítulo traz à discussão a necessidade do planejamento escolar no contexto da dimensão teórico-pedagógica como prática necessária, além disso, discute e apresenta, sucintamente, as diferenças entre *planejamento* e *plano de aula*. No quinto capítulo, os autores apresentam as questões estéticas e visuais dos grafitos de banheiros como realização verbo-visual que apontam os discursos universitários. No sexto capítulo, o autor trata dos diálogos intertextuais entre Babadook e o Movimento Cinematográfico Expressionista Alemão.

No sétimo capítulo, a autora discute sobre as temáticas *formação* e *evasão* de alunos do Curso Técnico de Intérpretes da Língua Brasileira de Sinais. No oitavo capítulo, os autores discutem e analisam, a partir de estudos culturais, as visualidades produzidas e amparadas na investigação comparada e híbrida. No nono capítulo, o autor discute os processos discursivos que ligam o sujeito na discussão conceitual entre a materialidade do sujeito, a sociedade e o consumo.

O autor do décimo capítulo reflete os modos de aprendizagem da iluminação cênica no contexto da formação de acadêmicos de Teatro, a partir da realização de uma oficina de iluminação cênica. No décimo primeiro capítulo, os autores fazem um recorte de um estudo mais amplo realizado em determinada disciplina de formação.

No décimo segundo capítulo são analisadas e identificadas a aplicabilidade de instrumentos capazes de ampliar o vocabulário nos diversos contextos de produção.

No décimo terceiro capítulo, as autoras tomam o Italiano como herança linguística a partir da proposição de material didático. No décimo quarto capítulo, a autora aproxima o viés teórico da prática tendo como análise alguns escritos de Antonio Candido e Pier Paolo Pasolini. No décimo quinto capítulo, os autores refletem sobre as relações entre memória e aprendizagem, relacionando o tema à problemática do Alzheimer, a partir de uma análise fílmica.

No décimo sexto capítulo, os autores apresentam uma reflexão sobre a produção do conhecimento nas artes híbridas focalizando os possíveis diálogos e convergências da linguagem cinematográfica em audiovisualidades contemporâneas. No décimo sétimo capítulo, os autores propõem, discutem e problematizam um método alternativo para o ensino de Física com alunos do ensino médio de escolas públicas. No décimo oitavo capítulo, o autor aprofunda-se, de forma bilíngue, nos termos médicos para compreender o significado de termo aplicado à interpretação e diálogo.

No décimo nono capítulo, a autora investiga a condução de um processo artístico para o deslocamento e o equilíbrio pelo desenvolvimento permanente. No vigésimo capítulo, frutíferas reflexões são apresentadas pelos autores sobre o discurso da Educação do Campo e da Pedagogia da Alternância, colocando em jogo o entendimento teórico de uma proposta metodológica. No vigésimo primeiro capítulo, a autora provoca leituras, pesquisas e diálogos sobre a construção histórica de um veto ao ficcional que é, em última instância, um veto da própria imaginação.

No vigésimo segundo capítulo, o autor realiza uma análise, apresentando a intratextualidade, além do diálogo do autor consigo mesmo. No vigésimo terceiro capítulo, a autora trata da potencialidade do silêncio presente na imagem, a partir do filme-carta *Letter to Jane: na investigation about a still*, de Jean-Luc Gofarf e Jean-Pierre Gorin, tecendo um breve panorama poético-conceitual do que pode ser imagético. No vigésimo quarto capítulo, as autoras trazem ao leitor os resultados da prática de dança, utilizando-se do método investigativo e de questionário estruturado, realizado entre outubro de 2017 e fevereiro de 2018.

As autoras do vigésimo quinto capítulo destacam os sentidos do romance *O Continente*, primeira parte da trilogia *O Tempo e o Vento*, do escritor Erico Verissimo. No vigésimo sexto capítulo, a autora analisa a Progressão Parcial à luz da Análise de Discurso Pechetiana. Já no vigésimo sétimo capítulo, a discussão de um projeto é apresentada pelas autoras como proposta reflexiva.

No vigésimo oitavo capítulo, a autora discute a narrativa à valorização de uma voz subjetiva na representação do registro documental e da arte contemporânea. No vigésimo nono capítulo, a autora revela um percurso de uma pesquisa participante em arte. E, por fim, no trigésimo capítulo que fecha as reflexões desta Coleção, as autoras discutem acerca de uma ruptura com o discurso colonizador e seus mecanismos de pressão na América Latina.

Todos os autores dos trabalhos compilados neste segundo volume da coletânea em questão, desejam que os possíveis leitores e investigadores encontrem os questionamentos capazes de desenvolver as habilidades investigativas na produção do conhecimento em quaisquer que sejam as áreas do saber.

Ivan Vale de Sousa

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
CONTOS DE FADA EM PROPAGANDAS: APELO À EMOÇÃO E QUESTÕES DE GÊNERO FAIRY TALES IN ADVERTISEMENTS: APPEAL TO EMOTION AND GENDER ISSUES	
Fabiana Piccinin Silvana da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.8071924041	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>16</b>
CORPO NEGRO E PODER O CURTA SOMBRAS DO TEMPO NA PLATAFORMA AFROFLIX	
Lara Lima Satler Emilly César Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.8071924042	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>32</b>
EL TOPO E O DRAGÃO DA MALDADE CONTRA O SANTO GUERREIRO: DAS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE DOIS FAROESTES LATINOS DOS ANOS 70	
Gabriel Philippini Ferreira Borges da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8071924043	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>42</b>
O PLANEJAMENTO ESCOLAR NA DIMENSÃO TEÓRICO-PEDAGÓGICA	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.8071924044	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>52</b>
FABRICAÇÕES DO COTIDIANO: ESTÉTICA E VISUALIDADE NOS/DOS GRAFITOS DE BANHEIRO	
Ana Paula Aparecida Caixeta Luiz Carlos Pinheiro Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.8071924045	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>64</b>
HERANÇAS EXPRESSIONISTAS NO HORROR CONTEMPORÂNEO: AS ESTRATÉGIAS DIALÓGICAS DE <i>BABADOOK</i>	
Gabriel Perrone	
DOI 10.22533/at.ed.8071924046	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>71</b>
FORMAÇÃO E EVASÃO DE ALUNOS DO CURSO TÉCNICO DE INTÉRPRETES DE LIBRAS DA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL ALMIRANTE SOARES DUTRA - ETEASD NO MERCADO DE TRABALHO EM PERNAMBUCO	
Denise Melo Darlene Lira	
DOI 10.22533/at.ed.8071924047	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>74</b>
AS <i>ARPILLERAS</i> E A REFLEXÃO SOBRE OS SUJEITOS EM NARRATIVAS POÉTICO-VISUAIS	
Jossier Sales Boleão Émile Cardoso Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.8071924048	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>84</b>
IMAGEM E CONSUMO: A TRANSFORMAÇÃO DO(NO) CORPO E A PROBLEMÁTICA DO REFERENTE	
<a href="#">Guilherme Carrozza</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8071924049</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>96</b>
ILUMINAÇÃO CÊNICA: PRINCÍPIOS PRÁTICOS DA ILUMINAÇÃO TEATRAL	
<a href="#">Vanderlei Antonio Bachega Junior</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240410</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>103</b>
INFERÊNCIAS E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: UM OLHAR SOBRE AS PROPAGANDAS DOS CAMELÔS NUMA CIDADE DO SERTÃO DA BAHIA	
<a href="#">Adão Fernandes Lopes</a>	
<a href="#">Denise Dias de Carvalho Sousa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240411</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>117</b>
INSTRUMENTOS PARA A AMPLIAÇÃO E ADEQUAÇÃO VOCABULAR NO ÂMBITO DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA TEXTUAL ORAL E ESCRITA	
<a href="#">Fernanda Luzia de Almeida Miranda</a>	
<a href="#">Tuise Brito Rodrigues</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240412</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>128</b>
ITALIANO COMO HERANÇA EM PEDRINHAS PAULISTA: UMA PROPOSTA DE MATERIAL DIDÁTICO	
<a href="#">Rosangela Maria Laurindo Fornasier</a>	
<a href="#">Tatiana Iegoroff de Mattos</a>	
<a href="#">Fernanda Landucci Ortale</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240413</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>140</b>
LITERATURA E REALIDADE EM ESCRITOS DE ANTONIO CANDIDO E PIER PAOLO PASOLINI	
<a href="#">Ana Clara Vieira da Fonseca</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240414</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>150</b>
MEMÓRIA E COGNIÇÃO: A DOENÇA DE ALZHEIMER RETRATADA NO FILME <i>ELLA E JOHN</i>	
<a href="#">Bianca Cardoso Batista</a>	
<a href="#">Vagner Bozzetto</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240415</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>164</b>
LINGUAGEM, CORPO E ESTÉTICA NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO NO CINEMA E NAS ARTES DO VÍDEO	
<a href="#">Cristiane Wosniak</a>	
<a href="#">Rodrigo Oliva</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240416</b>	

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>177</b>
METODOLOGIA ALTERNATIVA PARA O ENSINO DE FÍSICA	
Shayenny Alves de Medeiros	
Maria Suenia Nunes de Moraes	
Kátia Cristina Barbosa da Silva	
Elivélton de Lima Alves	
Bismark Mota da Silva	
Brenda de Souza Silva	
José Walber Farias Gouveia	
Maria das Graças Araújo Barros	
Virgínia Micaela de Amorim Silva	
Rafaele Maciel da Silva	
Patricio José Felix da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240417</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>187</b>
MORFOLOGIA APLICADA À TERMINOLOGIA MÉDICA: UM ESTUDO PARA LINGUISTAS	
Bruno Eric dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240418</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>200</b>
O BALANÇAR DO MANTO	
Sofia Gentil Mussolin	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240419</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>212</b>
O DISCURSO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO E DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: ALGUNS APONTAMENTOS DISCURSIVOS	
Lucas Martins Flores	
Alice Maria Martins Rebelo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240420</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>224</b>
O IMAGINÁRIO COMO VIA DE TRANSGRESSÃO DO REAL	
Andréa Portolomeos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240421</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>229</b>
O INTERTEXTUAL E O INTRATEXTUAL NA OBRA DE WOODY ALLEN: UMA ANÁLISE SOBRE OS FILMES “ALICE”, “BLUE JASMINE” E “WONDER WHEEL”	
Alexandre Silva Wolf	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240422</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>239</b>
O SILÊNCIO DA IMAGEM: PERSPECTIVA MICROPOLÍTICA NO FILME-CARTA <i>LETTER TO JANE</i> (1972)	
Maruzia de Almeida Dultra	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240423</b>	

<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>254</b>
PRÁTICAS DE DANÇA NA MATURIDADE E A EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA NA REGIÃO SUL DO BRASIL: APRESENTANDO ALGUNS RESULTADOS	
Daniela Llopart Castro	
Elisabete Alexandra Pinheiro Monteiro	
Eleonora Campos da Motta Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240424</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>264</b>
PRODUÇÃO DE SENTIDO EM O <i>CONTINENTE</i> : MOVIMENTOS DO TEMPO E DO VENTO	
Ana Cristina Agnoletto	
Márcia de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240425</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>279</b>
PROGRESSÃO PARCIAL: MAIS UMA LEI QUE NÃO FUNCIONA	
Mônica Lopes Névoa Guimarães	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240426</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>285</b>
PROJETO DE ESQUADRIAS DE PALETES PARA OCUPAÇÃO ESTUDANTIL “CANTO DE CONEXÃO”	
Karina dos Santos Moura	
Renata Caetano Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240427</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>291</b>
REGISTRO DOCUMENTAL NA ANIMAÇÃO A <i>BAILARINA</i>	
Carla Lima Massolla Aragão da Cruz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240428</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>304</b>
REVOADA EM CORES: PROCESSOS DE CRIAÇÃO E EXPRESSÃO SIMBÓLICA DA REALIDADE VIVIDA NAS AULAS DE ARTES VISUAIS	
Cristiane Machado Corrêa Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240429</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>317</b>
SUDACAS – CORPOS INSURGENTES: CARTOGRAFANDO CORPOS <i>TRANS</i> COM A CÂMERA POR UMA ARTE POLÍTICA	
Janayna Medeiros Pinto Santana	
Rosa Maria Berardo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.80719240430</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>329</b>

## FABRICAÇÕES DO COTIDIANO: ESTÉTICA E VISUALIDADE NOS/DOS GRAFITOS DE BANHEIRO

### Ana Paula Aparecida Caixeta

Universidade de Brasília  
Instituto de Artes Visuais  
Departamento de Artes Visuais  
Brasília - Distrito Federal

### Luiz Carlos Pinheiro Ferreira

Universidade de Brasília  
Instituto de Artes Visuais  
Departamento de Artes Visuais  
Brasília - Distrito Federal

**RESUMO:** Este trabalho apresenta questões da estética e da visualidade dos grafitos de banheiros como fabricações verbo/visuais que apontam discursos do cotidiano universitário. Pretendemos, a partir do registro fotográfico de grafitos encontrados em alguns espaços, especificamente no contexto da Universidade de Brasília, refletir acerca de um cotidiano silenciado marcado por ações que carecem de autoria. No entanto, essas ações também reforçam o caráter do anonimato como um movimento que acentua a voz e a força dessas fabricações, intervindo esteticamente no espaço dos banheiros. O interesse de pesquisa surge a partir dos conceitos de Glauco Mattoso (2001) sobre *datilografitti* e *coprofagia*, como ponto de partida teórico, no sentido de trazer para o debate reflexivo sobre o campo da arte e

da cultura visual o pensar sobre o próprio fazer artístico como uma possibilidade de invenção e fabricação do olhar. Compreendemos que, faz parte da escrita do autor a criação de conceitos que justificam sua intencionalidade estética e visual, sobretudo, ao considerarmos a proposta do *datilografitti* como uma ideia que explica a estética do *Jornal Dobrabil*. Um folhetim parodístico e chulo, cuja exploração imagética pela máquina de escrever incorporou uma linguagem transgressora, a “literatura de mictório”. É a partir dessa perspectiva que propomos um olhar acerca dos grafitos que aqui denominamos de verbo/visuais, porque transitam na dimensão gráfica da escrita e da imagem, interrogando-nos a investigar essas demandas do não-dito, silenciadas e emergenciais em sua dimensão subjetiva. Dessa forma, parece propícia a ocupação desses territórios públicos destinados àquilo que consideramos inútil, residindo uma ideia de apropriação como forma de romper com esse silenciamento.

**PALAVRAS-CHAVE:** fabricações visuais; estética; grafitos; banheiros

**ABSTRACT:** This work presents questions of the aesthetics and the visuality of restroom graffiti as verb/visual fabrications that point out speeches of everyday life at University. We intend, from the photographic record of graffiti

found in some spaces, specifically in the context of the University of Brasilia, to think over a silenced everyday life, marked by actions that lack authorship. However, these actions also reinforce the character of anonymity as a movement that emphasizes the voice and the strength of these fabrications, aesthetically intervening in the space of restrooms. The interest of the research arises from the concepts by Glauco Mattoso (2001) about *Datilograffiti* and *Coprophagy*. We admit, as a theoretical starting point, the writings of Mattoso, in the sense of bringing to the reflective debate, on the field of art and visual culture, the thinking about the artistic making itself as a possibility of invention and fabrication of the view. We understand that it is part of the author's writing to create concepts that justify his aesthetic and visual intentionality, especially when we consider the proposal of *datilograffiti* as an idea that explains the aesthetics of *Jornal Dobrabil* (Dobrabil Newspaper), a parodical and coarse novel, in which the imagery exploitation by the typewriter has incorporated a transgressive language, the "urinal literature". This perspective of mapping the graffiti that we call the verb/visuals, because they transit in the graphical dimension of writing and image, asks us to investigate these demands of the unsaid, silenced and urgent in their subjective dimension. In this way, it seems conducive to the occupation of these public territories destined to what we consider useless, residing an idea of appropriation as a way of breaking away from this silence.

**KEYWORDS:** visual fabrications; aesthetics; graffiti; restroom

## IMPRESSÕES INICIAIS

A relação entre espaço público e privado tem em sua dialética o sujeito que o ocupa. Como algo relativo ao coletivo, noções do que é público também circundam noções de pertencimento, o que leva ao ato de apropriação como forma política de validar algo que, por entendimento, é do povo, é de todos. Controvérsias à parte, no universo artístico-visual em âmbito nacional, a relação entre o público e o privado tem como ponto tênue a antiga celeuma da arte urbana, quando manifestada enquanto grafite e pichação (especificamente, no Brasil usa-se as duas palavras, para referenciar formas e adjetivações diferentes: grafite é entendido como desenho em tinta spray, algo que se aproxima de uma estética mais harmônica e uma arte aceitável; enquanto pichação, é vista como inscrição ou rabisco, ou seja, aquilo que pode ser desconsiderado e até moralmente julgado). A diferença entre as duas palavras é bem contundente: enquanto a primeira já possui certo status de arte, com legitimação em galerias e possibilidades de permissão para acontecer, a segunda continua sendo considerada um ato de vandalismo, enquadrado na lei de nº 12.408/11. Supõe-se que questões de intencionalidade em ambas manifestações tem suas divergências: seja pelo estético, seja pela mensagem, seja pela representação. Todavia, é na pichação que o ato de apropriação se torna mais evidente, principalmente por contrariar determinações e ocupar espaços não autorizados, inimagináveis, fora de um controle maior que não o

do pichador, em especial, pelos códigos linguísticos ali utilizados.

Não é intenção deste texto explorar o dualismo dos atos em questão e suas características estéticas ou legitimação artística. Anterior a tais problemáticas do universo da arte urbana, nascida, especialmente, em um contexto de influências do *hip-hop*, o levantamento aqui proposto considera os registros verbos/visuais produzidos em determinados espaços latrinais. Algo que se reconhece existir há bastante tempo, ultrapassando culturas, e, ao que se evidencia, está presente no contexto social desde o advento da escrita. No caso, a escrita apócrifa em espaços públicos invisibilizados ou atos silenciosos de utilização desses espaços. Chamamos de invisibilizados porque o banheiro público é como um limbo do qual só se faz lembrar de sua existência no momento de necessidades biológicas. Não se controla coletivamente o instante de frequentar esses ambientes da mesma feita que não se controla com exclusividade o que é feito por detrás da porta, entre as estreitas paredes e a privada.

Em situações distantes de qualquer ordem, emergem, nesses espaços, possibilidades discursivas interessantes, cujo anonimato corrobora para um processo comunicacional, mas também estético, em que interlocutores e destinatários são quaisquer pessoas que venham, porventura, utilizar aquele local. Dessa forma, a questão maior que norteia o debate aqui empreendido propõe apontamentos sobre essa autopermissão por trás das portas dos banheiros públicos, cujas visualidades acabam por se transformar em fabricações do cotidiano, em que uma estética provocativa compõe um cenário inusitado, porém transgressor, onde criação e “merda” coadunam em um mesmo espaço. Como possibilidade reflexiva, Glauco Mattoso vem como amparo junto a essas discussões sensíveis, que nascem entre o discurso literário e o discurso verbo/visual nos intercursos transgressores da pichação em banheiros.

## A “MERDA” COMO GATILHO CRIATIVO

Assumir a “merda” como mote de criação faz parte da estética do escritor paulistano Glauco Mattoso. Nascido em 1951 como Pedro José Ferreira da Silva, o artista apropriou-se do nome da doença que o levou à cegueira, o glaucoma, marcando seu grande conjunto de obra em fases distintas: a fase visual, com destaque para a criação do *Jornal Dobrabil* (2001); e a fase cega, marcada pela vasta publicação de sonetos, 5.555.

Escrito entre 1977 a 1981, em uma máquina de escrever *Olivetti* - relevância da marca para alcance da forma, tal como reforça o autor na introdução da edição fac-similar (2001) – o JD é uma espécie de pastiche, um jornal bastante jocoso, que transgride as noções de composição de um jornal tido como sério, brincando com as tipologias e usurpando de frases, máximas e poemas, baseados em intertextos múltiplos, do erudito ao popular, cujo estilo é inspirado em escritos de banheiro. Parodiando o conhecido *Jornal do Brasil*, fundado em 1891 no Rio de Janeiro,

Mattoso ironiza discursos, dessacraliza o espaço literário enquanto reduto de cânones e assume a apropriação literária, o plágio, a usurpação e desconstrução de autoria como possibilidades estéticas.

Nesse processo intertextual existe uma forma que contempla o folhetim: as visualidades de temas considerados sujos, produzidas por uma máquina de escrever, chamadas de *datilografiti*.

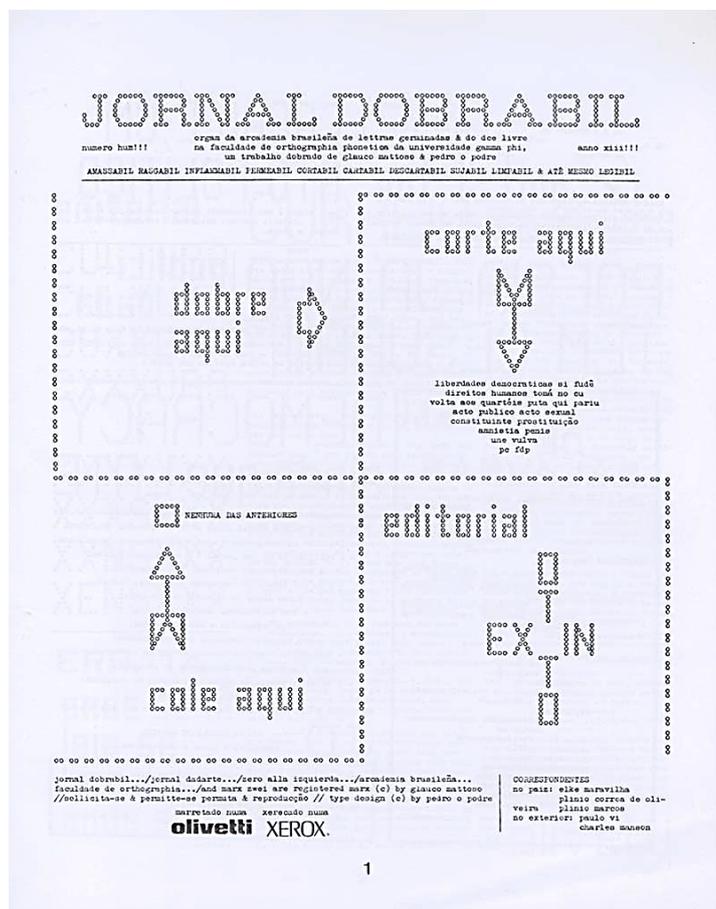


Figura 1. Primeira página do JD, de Glauco Mattoso, 2001. (Arquivo nosso)

Como é possível observar na figura 1, o uso da máquina de escrever feito por Mattoso é de uma preciosidade estética evidente, cujas explorações manuais denunciam o domínio técnico do poeta e a criatividade em administrar a letra “o”, conforme define:

O ovo de Colombo foi a descoberta do meio espaço, isto é, a possibilidade de teclar uma letra na posição intermediária entre dois caracteres normalmente digitados, o que era obtido pressionando-se o espaçador simultaneamente à tecla desejada. (MATTOSO, 2001, sem indicativo de página)

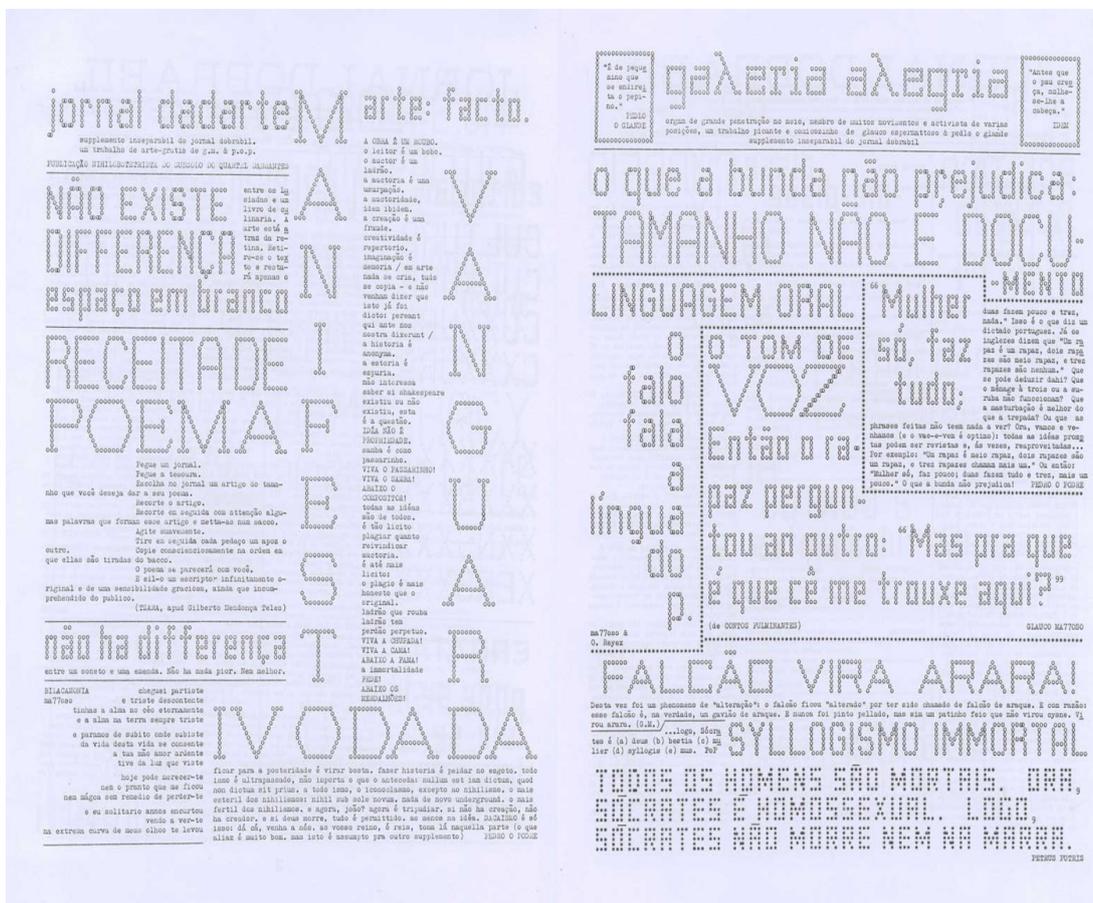
O que chama atenção, no JD, mais que o formato visual e seus meios inusitados de distribuição – enviado para destinatários específicos via correspondência, imitando a circulação da Arte Postal, datada de mesmo período (1970) – é como Mattoso intenciona um processo estético para dar conta de uma poética latrinária em meio aos silenciadores Atos Institucionais da Ditadura Militar no Brasil. No caso, uma poética

cuja linguagem enaltece a “merda” a partir do destaque dado aos escritos de banheiro, assumindo o texto como literatura de mictório, desestabilizando questões acerca do processo de composição literária para além da linguagem escrita, o que lhe faz manter um diálogo direto com o concretismo.

Em “Uma odisseia no espaço”, parte que introduz a edição fac-similar (2001), quando Mattoso explica a composição do JD, compreende-se como há um jogo interdiscursivo entre autoria, obra e recepção, cujas possibilidades interpretativas são enviesadas pelos dizeres do próprio autor. Em especial, destaca-se a criação de vários heterônimos como colaboradores do jornal, provocando um entendimento inicial de que era um processo feito por várias mãos.

Quando conduz a critérios de veracidade e apropriação, o autor tece uma rede de sentidos que conturbam o processo de entendimento de um leitor comum, que busca por algum ponto verossímil que dê conta dos diálogos ali costurados, enxertados e manipulados. De citações atribuídas a Mário de Andrade e Adolf Hitler, por exemplo, aos versos próprios atribuídos a grandes literatos, a brincadeira com a usurpação e utilização de textos apócrifos levam a obra ao destronamento de uma das questões mais emblemáticas no universo da criação artística: a autoria.

As figuras 2 e 3 abaixo mostram os dois suplementos do JD, produzidos no verso do jornal. Feito em uma folha A4 e mantendo a forma de um jornal comum, Mattoso cria os suplementos como possibilidade estética para criativas formas visuais de poemas e manifestos, parodiando as páginas destinadas a informações artísticas e culturais, comuns em meios de comunicação impressos.



Figuras 2 e 3. *Jornal Dadarte* e *Galeria Alegria*, suplementos do JD, 2001. (Arquivo nosso)

Destacamos, na figura 2, o “Manifesto da Vanguarda” ou “Manifesto Vanguardada” ou “IV Manifesto da Vanguarda”, conforme queira o leitor, em que a defesa da quebra de autoria é contundente:

- A OBRA É UM ROUBO.
- o leitor é um bobo.
- o auctor é um ladrão.
- a autoria é uma usurpação.
- a autoridade, idem ibidem.
- a criação é uma fraude.
- creatividade é repertório.

Imaginação é memória / em arte nada se cria, tudo se copia – e não venham dizer que isto já foi dicto (...)

(MATTOSO, 2001, sem indicativo de página)

Observamos que Mattoso, ao retomar inúmeras manifestações estéticas da época, da poesia visual à arte mimeografada, constrói um conceito para dar conta do

pastiche por ele criado, especialmente, para contemplar seu mote maior: a “merda”. Para contemplar esse contexto, Mattoso cria outros dois manifestos: o “Manifesto Escatológico”, cuja frase “O homem é o único animal que caga por vontade própria” (MATTOSO, 2001, sem indicativo de página) dá início aos versos logo após a epígrafe de Mário de Andrade “Eh! Home, bosta de Deus!”. E o “Manifesto Coprofágico”, cuja epígrafe antecessora aos versos é a frase “Mierda que te quiero mierda”, atribuída a um de seus heterônimos, Garcia Loca (MATTOSO, 2001, sem indicativo de página). Com um quase neologismo, ele faz uma releitura da antropofagia oswaldiana e cunha o conceito de coprofagia (entendido, do ponto de vista biológico, como o ato de comer fezes, em Mattoso o conceito é reelaborado como possibilidade poética de criação). Este estilo por ele exigido em sua produção contempla o teor da linguagem contida na forma e fundo por meio de seus *datilografittis*. Especialmente, essa forma busca preencher todo espaço da folha em branco, fazendo do processo de ocupação um gesto estético, semelhante ao gesto de preenchimento do espaço em branco das portas e paredes de banheiros públicos. Tal perspectiva de ocupação visual do espaço poderá ser observada na figura 4.

Quanto à coprofagia, mais do que uma releitura, ela é para nós um conceito que leva à desconstrução de quaisquer possibilidades harmônicas no que tangem os discursos e estilos, em especial por assumir a “merda” como tema maior. A relevância dada a temas menosprezados, abjetos e desconcertantes desequilibra a necessidade harmônica de coisas que são próprias da condição humana e não podem ser totalmente silenciadas e sufocadas. Com esse ato criativo de reinterpretação da antropofagia como a possibilidade de recolhimento de restos culturais e intertextuais, Mattoso resgata aquilo que ninguém quer trazer à tona: o não-dito, o negado em quaisquer outros contextos, fazendo de si um verdadeiro recolhedor de restos, amparado pelo espaço da palavra e das visualidades artísticas.

A leitura que fazemos aqui vai ao encontro dos novos olhares sobre a antropofagia oswaldiana no século XXI. Ruffinelli e Rocha (2011), embora não tenham se atendido aos discursos glaucomattosianos, ao organizarem o livro *Antropofagia hoje?*, reforçam os olhares acerca de novas interpretações da antropofagia, a partir de ensaios artísticos e filosóficos que assumem as ideias oswaldianas como primeiras possibilidades de se compreender o outro em suas variâncias culturais, sociais, políticas e artísticas. Notoriamente, Mattoso foi vanguardista neste sentido, especialmente por olhar o outro através de suas fragilidades e banalidades humanas, como o excremento e demais abjeções.

## **FABRICAÇÕES DO COTIDIANO: POSSIBILIDADES ESTÉTICAS NOS/DOS GRAFITOS DE BANHEIRO**

Aquilo que é definido dentro do contexto de proibições ou restrições é também

espaço propício para transgressão. Os escritos de banheiro, na maioria das vezes produzidos dentro do espaço público onde se encontra a latrina, está subordinado a um tipo de comportamento social em que são fabricados discursos dos mais variados contextos. Nesses espaços, observamos como a desarmonia e a necessidade de ocupação do espaço vazio impera, sobretudo a partir de temas, conceitos e ideias que são excluídos da parte visível da sociedade, ou seja, daquela parte considerada “limpa”, distanciada da “merda” produzida no banheiro. Tais temas, conceitos e ideias (des)velam repertórios poéticos para uma criação livre, sem nenhum compromisso moral ou ético. Essa perspectiva de criação poética tangencia universos, considerando tanto o universo privado do banheiro como o universo revelado por aqueles que o frequentam. Essas manifestações são também ameaçadoras, pois destoam de uma ordem gramatical e de um padrão visual, revelando aspectos estéticos que são considerados sujos e feios.

Gustavo Barbosa (1986), em seu livro *Grafitos de banheiro – A literatura proibida*, busca reflexões sobre sexualidade e escatologia, proibição, transgressão e nojo, trazendo a discussão do banheiro como um lugar de território em que o sujeito se faz presente ao expressar sobre si. O autor nos possibilita uma leitura importante quanto ao debate levantado, em especial, por nascer de um olhar datado, marcado pela abertura política no país e ainda movimentada pela revolução sexual.

Suas reflexões são transportadas aqui para um olhar acerca das visualidades presentes nos banheiros públicos da Universidade de Brasília, cujas frases de preenchimento engendram discursos que variam entre sexo, sexualidade, política e sociedade, cultura e identidade. Temáticas evidentes nas falas contemporâneas e reforçadas em espaços maiores de permissão comunicacional, como as redes sociais, por exemplo. Nota-se que os banheiros públicos, independentemente das oportunidades dialógicas dos sujeitos em seus mais variados espaços discursivos, sempre existirão nos âmbitos privados das paredes que envolvem as latrinas.



Figura 4. Porta de banheiro em dependências da Universidade de Brasília – Campus Darcy Ribeiro. (Arquivo nosso)

Na imagem acima, podemos identificar esteticamente um dado que evidencia a escrita de banheiro: a necessidade de ocupação do espaço em branco. As interferências são feitas processualmente, em um movimento que podemos entender como de interlocuções, haja vista que existe uma primeira manifestação que leva às demais e muitas delas movimentando um discurso entre sujeitos anônimos. Provavelmente, se daqui a um mês um novo registro de imagem for feito, essa porta já terá novas interferências. Mitchell (2015), ao tratar do que as imagens realmente querem, nos provoca a pensar o registro verbo/visual da figura 4 como uma superfície que nos encara, que marca e estigma as experiências provocadas ali, naquele contexto privado e sufocado de silenciamento.

Ao falar de cultura visual, o mesmo autor reforça como as imagens se misturam aos constructos reais e imaginários, ao passo que marcam um fato ou contam um ato (MITCHELL, 2015). É o caso da figura 5:

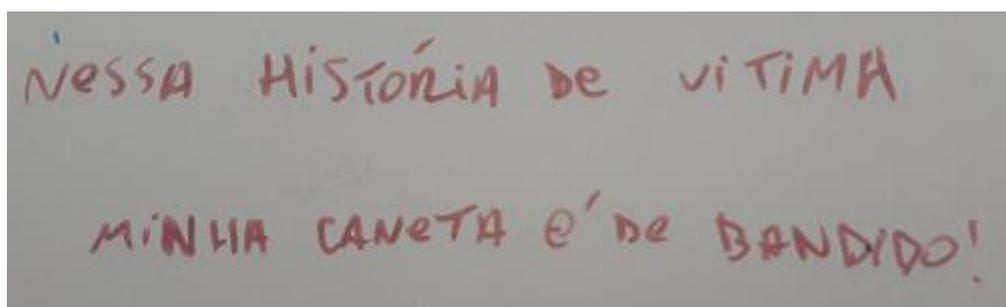


Figura 5. Porta de banheiro em dependências da Universidade de Brasília – Campus Darcy Ribeiro. (Arquivo nosso)

A frase afirmativa cunhada em uma das paredes de banheiro não está desvincilhada de um sujeito autor, mesmo marcada pelo anonimato. Tampouco é aleatória. Ela alega uma dialética social importante, que argumenta enquanto deblatera dentro de um espaço ora silenciado. Seria o banheiro revelador de testemunhos? Mais do que isso, a frase deixa de ser apenas uma organização sintática de palavras e passa a ocupar um campo visual imagético. Sendo assim, de acordo com Mitchell (2015), imagens como essas exercem um poder magistral sobre o espectador, pois está focada em você. Ela quer você, quer sua fruição e seu movimento de leitura. Um movimento contínuo, uma obra aberta, do modo como Umberto Eco (1971) nos fez entender, mesmo que compreendamos os grafitos de banheiro mais como manifestações visuais do que intencionalmente obras de arte.

No fundo, a forma torna-se esteticamente válida na medida em que ser vista e compreendida segundo múltiplas perspectivas, manifestando riqueza de aspectos e ressonâncias, sem jamais deixar de ser ela própria. [...] (ECO, 1971, p. 40)

Essa reivindicação de um leitor, de um espectador, é própria das fabricações verbo/visuais contidas nas portas de banheiro. Não há uma escolha em não ler. Elas estão ali, diante dos olhos de um interlocutor tão anônimo quanto o enunciador, embora movimente um diálogo anônimo entre sujeitos que nunca se viram:

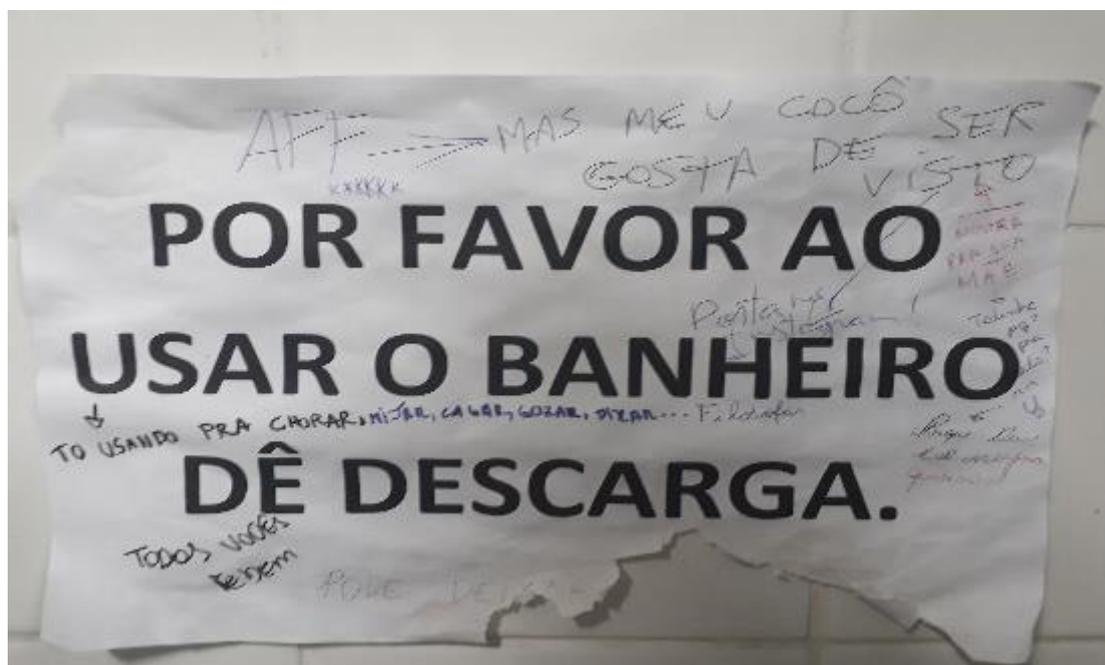


Figura 6. Porta de banheiro em dependências da Universidade de Brasília – Campus Darcy Ribeiro. (Arquivo nosso)

Os diálogos evidenciados na figura acima corroboram com os escritos glaucomattosianos, em especial, por tratar de modo natural e humano os excrementos do corpo e provocar um movimento discursivo entre sujeitos anônimos. Não está em discussão noções básicas de higiene ou se o pedido feito no papel está sendo cumprido ou não. O que nos chama atenção é que o papel colocado acima do botão de descarga é uma ordenação. Uma solicitação determinada, em que não se imagina contrariá-la, tampouco fazer de um simples dado comunicacional um movimento dialógico. Diante dessas interferências há uma permissão importante, evocada pelo ato de deixar ou não que um excremento seja visualizado pelo outro. Ou seja, aquilo que era para ser invisibilizado passa a ser mote de debate entre sujeitos anônimos.

## CONSIDERAÇÕES SOBRE O CORPO E A LATRINA: UMA QUESTÃO DE COPROFAGIA

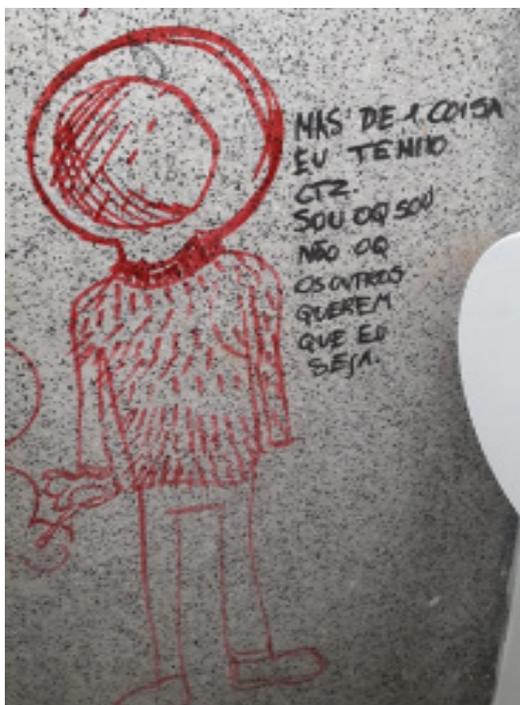
Motivados pelos excessos verbo/visuais nos espaços privados dos banheiros públicos, nossas reflexões tiveram como cerne um movimento em especial: trazer à tona velhas discussões sobre questões do corpo, que são socialmente silenciadas em detrimento de sua fealdade e ligação com dejetos e excreções. Para nós, é

uma oportunidade de se falar de variações do não-dito acerca do que circundam elementos da condição humana, excluídos ou maquiados antes de serem vistos ou compreendidos. De doenças a excrementos, da deficiência ao disforme, o corpo ainda é espaço de silenciamento e os banheiros, embora sejam amenizados com artifícios de invisibilidade, seja para atenuar o cheiro ou as incontinências, ele continua sendo controlado, tal qual nos leva a entender a fala de Michel Foucault (2015, p. 235):

O domínio e a consciência do próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder [...]

Mas, a partir do momento em que o poder produziu esse efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação de seu do corpo contra o poder.

Grande parte das discussões do filósofo francês trouxeram o corpo e o cuidado de si como potencialmente importantes diante de discursos de poder. A revolta dos corpos, contudo, não se liberta da necessidade de ordem e idealização. Estará sempre sucumbida a ações de controles, sejam eles sociais ou individuais. Em um eterno movimento dialético, a luta pela liberdade do corpo é substituída pela antítese da forma padrão, que, por si só, é uma forma poderosa e dogmática. O que ele chama de regimes disciplinares ultrapassam o campo simbólico do corpo: vai ao encontro de discursos maiores e legitimadores, como o universo acadêmico, a religião e até a arte com o peso de sua história e tradição.



Figuras 7 e 8. Porta de banheiro em dependências da Universidade de Brasília – Campus Darcy

Ribeiro; Página do Jornal Dobrabil, de Glauco Mattoso, 200. (Arquivos nossos)

As explorações estéticas fabricadas por Mattoso talvez sejam um exemplo

contundente dos esforços em se desvencilhar das maiores preciosidades do campo estético visual e escrito: seja pela contravenção à tradição do cânone ou à legitimação artística, inverter o campo criativo para o imundo é assumir um discurso tão poderoso quanto as maiores erudições. É contrariar a ocupação de espaços pelas visualidades e ampliar uma cultura imagética que extrapola discursos limitadores e controlados, especialmente, por atuar fora dos espaços legitimados que arte acena.

## REFERÊNCIAS

MATTOSO, Glauco. *Jornal Dobrabil*. 2ª Ed. (fac-similar) São Paulo: Iluminuras, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

ECO, Umberto. *Obra aberta*. Dirigida por J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.

BARBOSA, Gustavo. *Grafitos de banheiro – A literatura proibida*. Gávea: Editora Anima, 1986.

MITCHELL, W. J. T. *O que as imagens realmente querem?* In: ALLOA, Emmanuel (org.). **Pensar a imagem**. Vários tradutores. São Paulo: Autêntica, 2015.

RUFFINELLI, Jorge. ROCHA, João Cezar de Castro. *Antropofagia hoje?* São Paulo: É Realizações Editora, 2011.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**IVAN VALE DE SOUSA** Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-280-7

